

O imigrante espanhol, peregrino de paisagens imaginárias, e o movimento massivo para o Brasil

The Spanish immigrant, pilgrim of imaginary landscapes, and the mass movement for Brazil

Marília Klaumann Cánovas

LEER/Cedhal/USP- Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
mariliacanvas@uol.com.br

Resumo

Este artigo procurou recuperar, na pluralidade dos fatos que ensejaram o movimento populacional transoceânico de caráter massivo, indícios da incorporação de outra dimensão, de características distintas daquelas aceitas e inequivocamente consagradas pela historiografia. Para revisitar essa questão de outro ângulo analítico, tentamos capturar, na análise do fenômeno ultramarino de massa, e numa perspectiva de longa duração, os momentos determinantes da história espanhola, cujos desdobramentos poderiam conter heranças residuais que, esculpidas na rede do imaginário coletivo, tenham emergido como substrato unificador e catalisador dos interesses comuns do grupo envolvido, concorrendo para que esse movimento apresentasse a magnitude então observada.

Palavras-chave: E/imigração espanhola; Imigração em massa; população; Brasil; imaginário social.

Abstract

This article sought to recover the plurality of the facts that gave rise to transoceanic mass population movements, evidence of incorporation of another dimension, characteristics other than those clearly accepted and consecrated by historiography. To revisit this issue from another angle of analysis, we try to capture in the analysis of the phenomenon of mass overseas, and long-term perspective, the decisive moments of Spanish history, the outcome of which could contain residual legacies, carved in the network of collective imaginary, have emerged as a unifying and catalyst substrate, contributing to this movement then present the magnitude observed.

Keywords: Spanish e/ immigration, mass immigration, population, Brasil; social imaginary

A imagem, rara, que vemos abaixo, é de um baile, realizado a bordo de um dos inúmeros vapores que cruzavam o Atlântico, no período da grande imigração em massa¹, e nos quais esses desterrados, de diferentes etnias, empreendiam a sua odisséia ultramarina. Imagem rara, porque talvez seja, nessas condições, a única no gênero, mas, sobretudo, porque certamente não eram muitos os momentos de descontração que esses indivíduos, como participantes ou como espectadores, compartilhavam entre si, tentando exorcizar a tristeza, abrandar a saudade, ocultar a insegurança e dividir os mesmos anseios e expectativas, parte dos dramas pessoais que acomodavam em sua bagagem imaginária.



O início do século XX, como um prolongamento do XIX, protagonizou o deslocamento de imensas ondas humanas que cruzaram o Atlântico, rumo à América. Esse fenômeno – verdadeiro êxodo ultramarino –, conhecido como *emigração em massa*, alterou de modo irreversível a cartografia mundial e relacionava-se, claramente, a um contexto mais amplo de mundialização dos mercados de trabalho, envolvendo populações de diferentes continentes e países. No caso espanhol, de cifras expressivas, se partia com destino a América desconhecida, para um exílio involuntário, porém irremediável.

¹ Baile a bordo, c.1915. Acervo: Ministerio Trabajo y Asuntos Sociales, Madri, Espanha.

Na virada do século XX, a Espanha tinha 18,5 milhões de habitantes, quantidade considerada crítica para um país pobre. Seu setor agrário respondia por dois terços da economia nacional. Instalara-se um quadro de acentuadas contradições internas, que alimentava sérios desequilíbrios, não apenas entre distintos setores da sociedade, mas, igualmente, entre as várias regiões.

[Sua economia] basicamente agraria y escasamente industrializada es incapaz de generar el pleno empleo o la riqueza necesaria como para dar a todos sus habitantes unas condiciones de vida dignas; este panorama se ve empeorado en muchas ocasiones por el sistema de heredamiento de la tierra, las formas de explotación, la presión fiscal, la falta de organismos de crédito agrícola, o cualquier otro problema que afecte la producción agraria (PALAZÓN FERRANDO, 1995: 31).

Coexistiam cenários variados. Havia setores produtivos, agrários e industriais, já identificados com uma nascente burguesia². Havia extensas áreas improdutivas, resultantes da desapropriação de latifúndios pertencentes à Igreja Católica – processo chamado de *desamortización*.³ Havia, também, vastas propriedades territoriais confiscadas, embora legitimamente herdadas, denominadas de *manos muertas*⁴.

As diferenças eram gritantes: lado a lado, o mercado de exportação e a extrema miséria, caracterizando a economia de finais do século XIX e revelando os contrastes locais. As próprias regiões alimentavam entre si relações de hostilidade. É nesse período que eclodem reivindicações de autonomia por parte de diversas cidades mediterrâneas do sul e do leste. Era o indício mais palpável do embate entre a velha

² Em *A cidade dos prodígios* (1987), o escritor barcelonês Eduardo MENDOZA elabora uma crônica da cidade de Barcelona, capital da Catalunha, cuja ação é balizada pelas duas Exposições Universais que lá tiveram lugar, a de 1888 e a de 1929. Nesses quarenta anos que medeiam uma e outra, vemos o camponês Onofre Bouvila, metamorfosear-se de camponês humilde no homem mais rico da Espanha, e assistimos também à ascensão fulgurante da cidade, que, de aldeota amuralhada, vai aos poucos assumindo as características de metrópole. Barcelona, industrializada, e com uma inquieta burguesia, é a representante mais bem acabada dos descompassos regionais mencionados, da Espanha desse período.

³ O Governo espanhol realizou a desamortização eclesiástica em sucessivas etapas. Tratava-se de um programa de desapropriações de propriedades territoriais pertencentes a determinadas ordens religiosas, igrejas e mosteiros. Pelo direito civil e canônico eram propriedades perpétuas, de acordo com o qual os bens podiam ser incorporados aos organismos eclesiásticos, mas não podiam deixar os mesmos por contrato ou qualquer outro título, oneroso ou lucrativo. Este programa foi estendido depois também às propriedades pertencentes aos municípios, calculadas em aproximadamente cinco milhões de hectares. Posteriormente leiloadas, essas terras teriam rendido ao Estado, juntamente com resgates de pensões e rendas, cerca de dois milhões e setecentas mil pesetas.

⁴ O termo *manos muertas* designa os bens de raiz inalienáveis e também seus proprietários, impedidos legalmente de aliená-los. A questão já existia desde o século XVIII e o termo foi estendido, depois, aos que tinham obtido suas terras por doação permanente: era o caso das propriedades da Igreja e dos *mayorazgos*. Conforme: *Diccionario de Historia de España*. Tomo II – I-Z y Apéndices. Madrid: Revista de Occidente, 1952, p. 351. Tradução nossa.

Espanha – ainda identificada com o Antigo Regime –, e seus setores progressistas, que reclamavam liberdade política e protecionismo econômico.

Não há possibilidade de se aplicar, no tangente às emigrações espanholas do período investigado, padronizações em escala nacional, sequer mesmo em escala regional. O mosaico de situações, resultante do descompasso de suas economias regionais resultará, do mesmo modo, em respostas diferenciadas, de modo que considerar o fenômeno em escala nacional, pressupondo uma distribuição de variáveis relativamente homogêneas, pode resultar equivocado. Mesmo integrando um contexto mais amplo de mundialização dos mercados de trabalho, as emigrações obedeceram a variáveis regionais específicas. Não raro, também, a situações bastante diversificadas dentro dos próprios quadros regionais.

De maneira geral, contudo, o derramamento populacional ao qual se assiste especialmente nas primeiras duas décadas do século XX respondia a uma situação-limite, cujas causas podem ser atribuídas à miséria e à fome, fruto do caciquismo político, sistema instaurado sobre fraudes eleitorais (o *pucherazo*, por exemplo), das oligarquias locais de grandes latifundiários e seus agregados – vigente sobretudo na Andaluzia, origem do maior contingente que se orientou para o Brasil –, agora ainda mais poderosas, depois das desamortizações de que tinham se beneficiado. Mas também podem ser atribuídas às más colheitas e à filoxera⁵, às secas, às inundações e ao receio das convocações para as guerras coloniais.

Tais diagnósticos, por vezes controversos, retratam e revelam, mais que especulações, realidades locais, situações reais. Vozes desencontradas já se manifestavam, antevendo a anunciada aluvião que se avizinharia:

Para esos infelices labradores emigrar es vivir. Los que los condenan porque huyen de la miseria y de la esclavitud del suelo, denles tierra fértil que cultivar y arrendamientos ventajosos, denles más estimación y menos desdén, alvíenlos del peso de los impuestos y disminuyan el precio del arriendo: entonces la emigración disminuirá, porque nadie va a buscar lejos lo que puede hallar en su hogar y los vínculos de la patria sólo los rompen la necesidad o la ambición.⁶

Uma curiosa publicação de 1888, assim se pronunciava, a respeito:

No hay que buscar, entre ellas [as causas], el exceso de población. Las cifras comparadas de la extensión de su vecindario y su territorio lo demuestran. Tampoco explica el

⁵ Praga que, vindo da França, recebeu o nome do inseto que a provocou e que atacou e destruiu as plantações vitivinícolas andaluzas, já a partir de 1878/80, afetando, sobretudo, as pequenas propriedades e provocando a ruína de muitos camponeses.

⁶ *El Carbayón, Oviedo, 13 de enero de 1881. Apud: MIÑANBRES, Moises Llorden. "Posicionamientos del Estado e de la opinión pública ante la emigración española ultramarina a lo largo del siglo XIX". In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Buenos Aires: 7, nº 21, CEMLA, 1992, p. 283.*

espíritu inquieto y aventurero de sus habitantes, pues ellos se distinguieron siempre por la paz de sus costumbres, la sobriedad de sus deseos y el apego entrañable al suelo nativo. Queda, pues, como causa eficiente de la emigración, en tales regiones, la miseria que nace, á su vez, de circunstancias muy diversas; faltan, en esa región, siempre, trabajo y subsistencias (BOTELLA, 1888:160).

Miséria. Fome. Falta de trabalho, *hambre de tierra*⁷. Para as pessoas que viam na emigração a única saída, era a realidade, não a retórica. Longas histórias puderam ser lembradas depois, já no país de destino, aos filhos e netos, evocando as penúrias da sobrevivência:

Meu pai ... vinha em casa só sábado, e de noite; ele ia numa segunda-feira, levava o mantimento, uma burrinha e fazia comida a semana inteira no campo; tinha noite, que pra o lobo não comer ele – ele tinha lá uma chocinha pra se guardar duma chuva, e fazer a comidinha –, então, tinha noite que ele tinha que passar a noite inteira sentado encima de uma pedra, com um foguinho feito, e os tições lá, até que vinha vindo o dia...⁸

Ainda em 1901, as autoridades, frente à enxurrada populacional que escoava dos mais remotos *pueblos*, em direção aos portos de embarque, manifestavam-se com patética inércia:

La emigración es un triste remedio para los males económicos, políticos, financieros y sociales que padecemos; el ciudadano que apela al durísimo y violento recurso de emigrar es porque no encuentra otro a su alcance. Los aventureros, los ambiciosos, son los menos; los necesitados, los miserables, son la masa, el número mayor de nuestros emigrantes.⁹

Foge ao âmbito desse artigo estabelecer uma tipologia na qual se situem as principais levas de emigrantes e as variáveis envolvidas em cada região, restando-nos reafirmar que as causas que provocaram a emigração espanhola para o Brasil, nesse período de emigração em massa, não foram sempre as mesmas, não ocorreram em

⁷ A esse respeito, ver: CÁNOVAS, M. *Hambre de Tierra. Emigrantes espanhóis na cafeicultura paulista*. São Paulo: Lazuli, 2005.

⁸ Fragmento de depoimento à autora. D. Teodora Dias, 75 anos. Villa Novaes, Estado de São Paulo, 1981. D. Teodora, cuja família era de Cáceres, na Extremadura, nascera no Brasil, em 1905, ano em que seu pai, recém-casado, retornava ao país, depois de haver voltado à Espanha e lá ter enviuvado, com três filhos para criar.

⁹ Ponencia para el informe acerca del anteproyecto precedente (de Ley de Emigración, 1901), redactada por el vocal D. José Piernas Hurtado, en Instituto de Reformas Sociales: *La emigración. Información legislativa y bibliográfica...*, pp. 89 e ss. Apud: NADAL, J. *Historia de la población española (apéndice)*. In: REINHARD, M & ARMENGAUD, A. *Historia de la población mundial*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1961, p. 682.

um único momento e não tiveram efeitos semelhantes em províncias com agriculturas e condições sócio-econômicas distintas.

Todavia, esse sujeito que “elegeria” o Estado de São Paulo como um dos seus destinos na América, resistiu ao êxodo ultramarino o quanto pode, engajando-se, no período imediatamente anterior ao das grandes emigrações, a movimentos locais de mobilidade sazonal, em múltiplas direções, fenômeno observado especialmente na população rural andaluza. A ocorrência de uma reordenação provincial, das zonas tipicamente minifundiárias para aquelas onde predominavam os latifúndios, pode ser atestada pelo considerável coeficiente migratório registrado, cuja desaceleração coincidirá com o ritmo desferido ao movimento ultramarino.

Seu êxodo em massa, contudo, inadiável diante da extrema pobreza, deixava um rastro de desesperança e frustração e era alimentado pela fome por onde passava, a caminho das rotas de fuga. Blasco Ibáñez, em notável narrativa memorialística evoca, em breves cenas, o cotidiano silencioso e submisso dessa população, retratando o conflituoso cenário característico desse final de século. De percurso marcadamente subterrâneo, velado e invisível, essas figuras anônimas e incidentais, que passariam a engrossar as fileiras clandestinas dos portos de saída, não deixavam rastros, não eram passíveis de estatística, sobrevivendo, aqui e ali, em alguma narrativa literária:

Trabajar todo el día bajo el sol ó sufriendo frío, sin más jornal que dos reales y cinco como retribución extraordinaria e inaudita en la época de la siega! Era verdad que el amo daba la comida, pero ¡que comida para unos cuerpos que de sol á sol [...]

En verano, durante la recolección, les daban un potaje de garbanzos, manjar extraordinario, del que se acordaban todo el año. En los meses restantes, la comida se componía de pan, sólo de pan. Pan seco en la mano y pan en la cazuela, en forma de gazpacho fresco o caliente, como si en el mundo no existiese para los pobres otra cosa que el trigo. Una panilla escasa de aceite [...] servía para diez hombres. Había que añadir unos dientes de ajo y un pellizco de sal ...

Tres comidas hacían al día los braceros, todas de pan: una alimentación de perros. A las ocho de la mañana, cuando llevaban más de dos horas trabajando, llegaba el gazpacho caliente, servido en un lebrillo. Lo guisaban en el cortijo, llevándolo adonde estaban los gañanes [...].

A mediodía era el gazpacho frío, preparado en el mismo campo. Pan también pero nadando en un caldo de vinagre, que casi siempre era vino de la cosecha anterior que se había torcido. Únicamente los zagales y los gañanes, en toda la pujanza de su juventud, le metían cucharada en las mañanas de invierno, engulléndose este refresco, mientras el vientecillo frío les hería las espaldas. Los hombres maduros, los veteranos del trabajo, con el estómago quebrantado por largos años de esta alimentación, manteníanse á distancia, rumiando un mendrugo seco. Y por la noche, cuando regresaban á la ganancia para dormir, otro gazpacho caliente: pan guisado y pan seco, lo mismo que por la mañana. Al morir en el cortijo alguna res cuya carne no podía

aprovechase, era regalada á los braceros, y los cólicos de la intoxicación alteraban por la noche el amontonamiento humano [...].

Los hombres empezaban de pequeños el aprendizaje de la fatiga aplastante, del hambre engañada.

Cada año venían á los cortijos más mujeres de la sierra. Las hembras eran sumisas; la debilidad femenil las hacía temer al arreador y se esforzaban en su trabajo. Los manigeros, agentes reclutadores, bajaban de la montaña al frente de sus bandas empujadas por el hambre. Describían en los pueblos la campiña de Jerez como un lugar de abundancia y las familias confiaban al manigero las hijas apenas entradas en la pubertad ... (IBÁÑEZ,1919:104-106;146).

Os anos finais do século XIX foram especialmente tumultuados. Afinal, em poucos meses, a Espanha perdia o que lhe restava das suas possessões coloniais: Filipinas, Porto Rico e Cuba, ocupada pelos Estados Unidos, entre 1906 e 1909, e com os quais ainda enfrentava uma guerra.

El nuevo imperialismo se volvía hacia Cuba, ya muy ligada a Norteamérica económicamente y cuyas sublevaciones contra España eran secretamente apoyadas desde los Estados Unidos [...]; como ocurre siempre después de la pérdida de la hegemonía marítima perdémosle también las colonias: Cuba, Puerto Rico (y las Filipinas) hubieron de ser cedidas a los Estados Unidos. España había liquidado sus últimas posesiones americanas (SIEWERT, 1942: 119).

Nesse período, registra-se um crescente êxodo ultramarino de famílias inteiras, impulsionado, mais que tudo, pelo receio de ter algum filho ou parente convocado para a Guerra de Cuba.

... a guerra em Cuba e em Melilla [Marrocos]. Todas as semanas partiam para a América e África centenas de moços, imberbes muitos deles. Nas docas do porto nas plataformas da estação podiam-se ver cenas dilaceradoras. A Guarda Civil tinha muitas vezes de abrir fogo contra as mães que tentavam impedir o transporte de tropas, retendo os braços nas amarras ou bloqueando a passagem das locomotivas. Daquelas centenas de milhares de jovens que partiam, muito poucos haveriam de voltar, e ainda assim, mutilados ou gravemente doentes (MENDOZA, 1987:156).

Deserção militar. Fuga da miséria. Por trás dessas motivações, e de inúmeras outras, moviam-se pessoas em busca por melhoria nas suas condições de vida. Nos três primeiros séculos que se seguiram ao descobrimento da América, os títulos e a fortuna conseguidos por uma escassa, porém privilegiada emigração, haviam criado uma auréola de aventura e sucesso ao processo migratório e, embora o momento histórico agora fosse completamente diferente, ainda assim, a emigração continuava sendo vista, não apenas como uma válvula de escape, mas também como a saída para

o enriquecimento e o prestígio, fomentando a imaginação dos pretensos candidatos, que assim imaginavam o seu retorno triunfal ao *pueblo* de origem:

Si yo me presento allí, bien portado, con media docena de baúles de cuero inglés, y comienzo por hacer una gran casa con arcos de sillería... Pero ¿dónde viviré, entretanto, si hoy no la tengo digna de mí en el pueblo? Ya lo pensaré desde la villa, donde haré una parada triunfal, si, como es seguro, no se empeñan los notables en llevarme a vivir en su compañía... Compraré muchas tierras y tendré colonos. Desde luego, me harán alcalde, pero yo no querré serlo por ahora; la gente menuda me quitará el sombrero desde media legua; os pudientes me echarán memoriales para que me acerque a ellos; y en cuanto concluya la casa, elegiré por esposa a la señorita más fina del valle. Introduciré en todo él las costumbres modernas...¹⁰

O estado de ânimo geral de pessimismo e desesperança quanto aos rumos do futuro do país eram terreno fértil para a gestação de idéias e representações sobre lugares imaginários, distantes dali, como o Brasil, por exemplo, que a grande maioria sequer sabia onde ficava, mas onde as oportunidades eram movidas a ouro verde (leia-se, a café). De fato, os *ganchos*¹¹, os arregimentadores por cabeça, empreendiam uma verdadeira cruzada, operando uma bem articulada rede em todo o território espanhol, palmilhando todas as aldeias e divulgando, em seu discurso grandiloquente, as vantagens da expatriação. Consta que até mesmo os padres, em seus sermões aos domingos, nos púlpitos das igrejas das pequenas aldeias, utilizavam-se de veemente oratória no convencimento de seu rebanho. Esses *ganchos* tentavam convencer os camponeses da boa fortuna que os aguardava para além do Atlântico, seduzindo-os com falsas promessas e alimentando as suas expectativas. Ofertavam o salvo conduto, consubstanciado no bilhete de navio, para a travessia, oferta que representava, no caso brasileiro, o mais importante pilar de uma eficiente política oficial de atração de braços para a lavoura cafeeira. Sua atuação agressiva era motivo de constantes

¹⁰ Personagem do romance *Don Gonzalo González de la Gonzalera*, de José Maria de PEREDA, escrito originalmente em 1888, Madrid: Espasa-Calpe S/A, 5ª ed., 1965, p. 61. O trecho expressa o alto grau de expectativa do emigrante, sobretudo daquele oriundo das províncias do norte da Península, quanto à possibilidade de fazer fortuna na América. Muitos *indianos*, como eram chamados, retornavam ao seu lugar de origem exibindo sua prosperidade com a construção de obras faraônicas. Exemplar a este respeito é o trabalho de Maria Cruz MORALES SARO. "Las fundaciones de los indianos en Asturias". In: SÁNCHEZ ALBORNOZ, N (org.) *Espanoles hacia América. La emigración en masa, 1880-1930*. Madrid: Alianza Ed., 1988, pp. 66-79.

¹¹ Eram assim denominados os agentes de emigração, contratados pelas companhias de navegação ou pelos próprios governos dos países receptores que, percorrendo os *pueblos*, tentavam persuadir as pessoas do campo das vantagens da emigração, além de facilitar-lhes os trâmites para a obtenção da documentação e até mesmo sua falsificação. Muitos encareciam os preços das passagens e outros ainda ofereciam empréstimos com juros elevados, pelos quais sugeriam a hipoteca de alguns bens a seu favor. Atuavam como *ganchos* secretários das prefeituras e juízes locais, farmacêuticos, comerciantes e até párocos, ou qualquer indivíduo que fosse bem relacionado. Muitos eram proprietários das pensões próximas aos portos de embarque (CÁNOVAS, 2009:116).

manifestações da imprensa, como poderemos ver abaixo (La Voz de España, 19.03.1908).

Ganchos de emigrantes

La policía de La Coruña ha incoado allí algunos procesos, por estafa, á varios agentes de emigración, por engañar á familias de labradores prometiéndoles pingües negocios en América y obligándoles á realizar sus tierras para embarcar.

Resulta que esos agentes facilitaban también documentación falsa á los que se proponían emigrar sin tener las condiciones marcadas en la ley y reglamento de inmigración votados y aprobados últimamente por las Cámaras.

La prensa coruñesa dedica extensas informaciones á este asunto, excitando el celo de las autoridades judiciales para que dejen caer todo el peso de la ley sobre los explotadores que con amaños y engañosas promesas burlan la buena fé de los labradores gallegos.

*

Era irresistível e tentador acreditar que haveria uma saída milagrosa para a sua precária e insustentável condição e, assim, impregnado o inconsciente coletivo com essa representação, estabelecia-se um vínculo tácito entre os indivíduos, que se moviam em massa, imbuídos da idéia de fazer parte de algo, de partilhar uma mesma atmosfera e uma mesma idéia, fosse ela clara, racional ou difusa (MAFFESOLI, 2001:76).

O imaginário é, portanto, uma força real, uma força social que, embora não palpável e nem passível de ser quantificada, pode ser perceptível, pela influência que exerce no coletivo. O imaginário, como um depositário da memória, permite vivenciar um jogo de equilíbrio entre o real e o almejado, de modo que imaginar é concretizar por meio de sentidos imagéticos, tudo o que o mundo real, se não interdita, pelo menos dificulta (MAFFESOLI, 1993:03).

Desse modo, seduzidos por promessas falaciosas e embalados pelo sonho de “fazer a América”, esses sujeitos vendiam o pouco que tinham, ou simplesmente abandonavam tudo, para fugir da miséria, do medo das convocações militares e, sobretudo, da falta de perspectiva no futuro do país, lançando-se em uma aventura dramática, quando não cruel.

“Para que destes regimes de desespero surja o impulso da esperança, que é a esperança dos desesperados, é certamente necessário que, em sua própria trama, tais regimes alimentem forças de contestação e sobrelevação”, declara Desroche (1985:82), indicando como, nesse caso, a potencial combustão coletiva tornara-se operativa e volitiva.

Há consenso entre os historiadores espanhóis contemporâneos de que a emigração espanhola desse período, de caráter quase peninsular, era determinada, mais do que por opção pessoal do emigrante, por uma série de fatores ou facilidades, muitas vezes independentes de sua vontade, como: conexões portuárias; subsídios concedidos pelos países receptores; propagandas levadas a efeito pelos agentes de recrutamento (os *ganchos*) e cartas de chamada de parentes e conhecidos previamente estabelecidos.

No caso brasileiro, tudo isso funcionou conjunta e eficientemente para a consecução do objetivo concreto, que era a atração de um contingente humano com que se buscava irrigar, com mão-de-obra farta, as lavouras cafeeiras do Oeste Paulista, em constante expansão, tentativa de minimizar o impacto da abolição do trabalho servil.

Se essa gente se acomoda em estado enfermo a bordo de transatlânticos, suas condições sanitárias se agravam morbidamente durante a travessia marítima, quer por sua modestíssima alimentação, quer pelas péssimas e infectas instalações que lhe são destinadas na famosa “3ª classe” dos navios que contratam o transporte de tal gente.¹²

Numa dessas ocasiões, Eiras Garcia, O diretor do periódico, teria ido pessoalmente aguardar no cais um desses “navios negreiros”, o Aquitaine, que trazia grande contingente de espanhóis recrutados e embarcados clandestinamente em Gibraltar; eram “navios imundos”, que estariam proibidos de atracar “nos portos de Montevideú e Buenos Aires” (EDE’s 26.4.1920; 04.06.1921).

De conformidade com as estatísticas oficiais brasileiras, no período da grande emigração em massa, teriam ingressado no país aproximadamente quinhentos mil espanhóis, 75% dos quais direcionados para o Estado de São Paulo. Destes, de cada dez desembarcados no Porto de Santos, oito destinavam-se às zonas cafeeiras¹³, para

¹² *El Diario Español* (EDE daqui por diante), 26.05.1920, reproduzindo matéria do *A Platéia*. O EDE circulou na cidade de São Paulo de 1898 a 1922; foi criado e era dirigido por José Eiras Garcia, galego de Pontevedra.

¹³ *Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Directoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920*, 1962.

as fazendas do Oeste Paulista¹⁴, então em franca expansão. Em sua bagagem traziam a motivação maior consubstanciada na expectativa de se tornarem proprietários, condição esta, aliás, que no caso espanhol – e certamente nos demais –, já era aventada em seu país de origem, pelos agentes recrutadores ou *ganchos*, cuja atuação agressiva atrelava essa possibilidade ao benefício da passagem subsidiada.

Ganchos de emigrantes [título] Policia de Coruña há incoado alí algunos procesos por estafa a varios agentes de emigración, por engañar a familias (LA TRIBUNA ESPAÑOLA 16.3.1908).

De qualquer modo, mesmo considerando essa conjunção de fatores, ainda assim, causa certa incredulidade imaginar o deslocamento dessa cifra brutal para o período e que, no caso espanhol, deixaria aldeias inteiras completamente vazias, como cidades-fantasma.

Parece razoável admitir, nessas condições, dada a sua natureza de aluvião, o domínio do coletivo sobre as motivações individuais, como se essa instância pairasse acima das decisões pessoais, sendo inegável a existência desse fator propulsor, concebido no universo das mentalidades, forjando uma verdadeira onda humana a atravessar o Atlântico, para concretizar o sonho americano em sua odisséia ultramarina.

Ganhar dinheiro! Naquela fé que **Brasil era só juntar dinheiro**, né? Mas veio todo mundo enganado; chegavam aí, chegavam nas fazendas que não tinha nem estrangeiros, era aquela brasileirada, negros, né (?!), e uma comida tudo diferente, arroz, feijão, mandioca, essa coisarada que lá não tem. E serviço tudo diferente [...] carpir café [...] apanhar café, [nós] não sabia apanhar, não sabia abanar... ; e a pessoa sofre, né ?!

Todo mundo que vinha de lá pensava isso [em ficar rico]; os conhecidos que moravam aqui às vezes mandava carta com mentira, que ganhava, assim... então, a turma dava **aquela febre**; tinha conhecido aqui que mandava carta pra lá dizendo que aqui era muito bom e coisa e tal. É, mas era tudo mentira. Vinha família até, enganada!

[Meu pai] dizia: tá louco, na hora que eu vim pro Brasil; não tenho dinheiro, se tivesse, amanhã saía pra Espanha! Que Brasil! Que ganhar dinheiro![risos].¹⁵

¹⁴ Costuma-se usar o designativo para identificar aquelas áreas situadas a oeste da capital do Estado, tendo em Campinas e adjacências, cidades desbravadas pela onda verde do café, seu marco inicial e irradiador.

¹⁵ Fragmento de depoimento. Sr. Ildfonso Blasquez Sanchez, 85 anos, de Cáceres, Extremadura, no Brasil desde 1905, aonde chegou com nove anos de idade. Villa Novaes, 1980. Grifos nossos.

Esse flagrante ângulo “imaginário” das imigrações em massa, incorporando dimensões subjetivas, é questão ainda pouco analisada. De fato, a América – e o Brasil aí incluído, posto que a maioria embarcasse sem saber exatamente onde desceria em terra firme –, figurava como o lugar em que se ganharia muito dinheiro, onde se superaria a miséria reinante e se retornaria triunfante.

Esse fragmento de depoimento, concedido por um emigrante que vivia no Brasil há oitenta anos (ele havia chegado aos cinco anos de idade), é revelador de como as lembranças teimam em resistir ao tempo, de quão elevado era o índice de expectativa que acompanharam essas famílias na sua odisséia ultramarina, e do modo como foi impactante o contato com a realidade local, considerando as adversidades materiais e psicológicas que tiveram de enfrentar.

Parece não haver dúvida de que, concorrendo para a magnitude desse movimento massivo, há que se considerar outros fatores que atuaram em seu desdobramento, além dos já mencionados, fatores estes previamente esculpidos no imaginário coletivo e que foram determinantes para que o movimento tomasse o vulto que acabou tomando. Para a compreensão dessa outra dimensão, e de seu contributo para a real efetivação do fenômeno na escala então observada, parece razoável deslindar algumas possibilidades evocando a própria história da Espanha, nosso foco de interesse.

Recuando na história, é imperioso lembrar que um dos grandes momentos da história espanhola foi o da expansão marítima, e que a Espanha construiu a sua soberania pela lógica do império.

A final do século XV, a aura dos descobrimentos foi responsável pela instauração dos fundamentos de uma nova ordem mundial – até então, como sabemos, o centro do mundo se situava na Europa. Colombo buscava o jardim divino do Éden, mas também a cidade de ouro (El Dourado), ou seja, Deus, mas também o ouro, constituíram as forças motoras da conquista. Era a América ativando o imaginário utópico da Europa.

“A América é uma invenção do pensamento europeu”, diria o historiador mexicano Edmundo O’Gorman, revelando o que de apropriação e espoliação foram praticadas, pelo colonizador, na América descoberta, cuja conquista significou para o cristianismo europeu o domínio do mundo, almas para o evangelho, mas também para o império cristão.

Sérgio Buarque de Holanda, no seu clássico *Visão do Paraíso* – para o qual teria se apoiado na obra de Antonio León Pinelo, o “Paraíso na América”, escrita no século XVII –, afirma que o descobrimento do novo mundo teria representado o fato que mais

contribuiu para a secularização do mito, desvinculando da significação unicamente religiosa o argumento do paraíso na terra.

Para ele, os colonizadores ibéricos deixaram transparecer a crença numa visão metafísica do mundo, dotando o mundo natural de representações evocativas do Éden, de modo que diversos mitos há séculos presentes na tradição literária e no imaginário do Velho Mundo tornaram-se realidade no continente americano.

Nessa direção, e operando um conceito caro a Lucien Febvre¹⁶, os mitos edênicos teriam se constituído as ferramentas mentais que os conquistadores utilizaram para ressignificar a inusitada experiência nas terras então descobertas, na superação do estranhamento quanto aos seus padrões, para eles incomuns, e que a sua ampla utilização pode ser vista como uma tentativa para sujeitar uma realidade que se mostrava freqüentemente irredutível à sua prática rotineira.

A vinculação imaginária do novo mundo a incalculáveis e assombrosas riquezas, longe de causar estranheza ao espírito reinante na época, apenas prolongou uma herança milenar de “projeções deslumbrantes que depositavam tesouros inconcebíveis nos espaços inexplorados ou semi-explorados que se consideravam afastados do eixo referencial dos europeus”, na expressão de Guillermo Giucci, que tem dedicado boa parte de sua obra, inclusive esta, *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo* refletindo sobre a questão (GIUCCI, 1992:87).

Quanto ao recorte cronológico utilizado, Sérgio Buarque de Holanda examina um período abrangente, que se estende dos primeiros contatos realizados pelos colonizadores portugueses e espanhóis com o continente americano, seguindo até o século XVIII, periodização para o autor justificada pela permanência do imaginário edênico ao longo dos três séculos de colonização.

Nesse particular, sua abordagem converge para a proposta apresentada por Braudel em “A longa duração”, texto publicado originalmente na Revista *Annales ESC*, em 1958, e republicado posteriormente na coletânea “Escritos sobre a História”, segundo o qual os quadros mentais configuram “prisões de longa duração”¹⁷.

A dilatada continuidade e a marca duradoura de certas estruturas mentais, latentes nas representações coletivas tal qual um estereótipo, teria provocado, na linha interpretativa de Sérgio Buarque, o abrandamento de uma possível ruptura

¹⁶ FEBVRE, Lucien. *Autour de l'Heptameron: amour sacré, amour profane*. Paris, Gallimard, 1944. Ver o cap. VI da 2ª parte.

¹⁷ Para as primeiras concepções de Braudel sobre a longa duração, ver BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. In: _____. *Ensaio sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978; especialmente p. 50.

drástica entre o Renascimento e a Idade Média. E desse patamar o autor declara, quanto ao primeiro, que “irá esbater-se *pouco a pouco* (...) a crença de que o Céu, um Céu sempre mais distante, cuida de interferir a todo o momento nos negócios profanos” (HOLANDA, 1929:182).

Apoiado, assim, na perspectiva de uma abordagem de longa duração, sugestiva à análise do universo simbólico do imaginário, o seu trabalho se fundamenta na comparação entre as visões edênicas produzidas por espanhóis e portugueses. Desse modo, do capítulo 1º, que ele denominou “Experiência e Fantasia” ao capítulo 6º, intitulado “As Atenuações Plausíveis” – trecho que constitui aproximadamente a metade do conteúdo de *Visão do Paraíso* –, Sérgio Buarque se dedica, sobretudo, à apresentação e à comparação sistemática das visões do Novo Mundo produzidas por lusitanos e espanhóis, apresentando uma verdadeira análise genealógica dos diversos mitos da conquista.

No capítulo 2º, chamado de “Terras Incógnitas”, ele esmiúça as imagens veiculadas por Colombo e outros navegantes espanhóis baseadas na crença na existência física do Éden, chegando, então, à conclusão de que a visão medieval do paraíso se alimentava de duas fontes primordiais: o texto bíblico do Gênesis e a tradição literária greco-latina.

Esta densa análise empreendida por Sérgio Buarque permite entender que a “psicose do maravilhoso”, em geral compartilhada na época dos descobrimentos, não se imporia “só à singeleza e credulidade da gente popular” (HOLANDA, 1929:184). A esse propósito, ele diz:

Presos como se achavam aqueles homens, em sua generalidade, a concepções nitidamente medievais, pode supor-se que, em face das terras recém-descobertas, cuidassem reconhecer, com os próprios olhos o que, em sua memória, se estampara das paisagens de sonhos descritas em tantos livros e que, pela constante reiteração dos mesmos pormenores, já deviam pertencer a uma fantasia coletiva (HOLANDA, 1929:170).

Aqui reside um dos aspectos centrais de nossa análise, o que trata de uma memória coletiva da América como a terra prometida. Para recompô-la, necessitaremos, num salto de algumas centúrias, retomar o contexto espanhol do período que antecedeu ao das grandes imigrações, na tentativa de estabelecer uma “ponte” de longa duração com o período anterior.

Um instantâneo desse momento histórico nos revelará que o contexto de então se revertera radicalmente. Basta lembrar que, especialmente a finais do século XIX, esse Império, que já demonstrava sinais eloqüentes de debilidade, aos poucos ruía, expondo a sua vulnerabilidade, sobretudo com a perda de importantes colônias. É

sabido que, em poucos meses, a Espanha perderia as Filipinas, Porto Rico e Cuba, suas últimas colônias, e que ainda acabaria enfrentando uma guerra com os Estados Unidos, que secretamente apoiavam as sublevações cubanas contra a Espanha, e que a ocuparam, entre 1906 e 1909.

Nesse dado momento histórico, portanto, a Espanha se via mergulhada em profunda crise econômica, acirrada, ainda, pela guerra com o Marrocos, que se arrastaria por quase três décadas, e cujas convocações militares para alimentá-las obrigavam, como sentença, famílias inteiras a deixar o país em fuga, na visão devastadora da guerra, que transformava os sobreviventes em seres inutilizados para a vida.

Esse período, muito a propósito recebeu, de um dos mais notáveis escritores espanhóis contemporâneos, Ortega y Gasset (2000) o qualificativo de “España invertebrada” que reflete com precisão o quadro de crise aguda e de decadência generalizadas, refletidos na desconexão sócio-política e econômica do país, nos seus descompassos regionais e na sua desigualdade social. Também nesse sentido, é expressiva a manifestação do historiador Sanchez Albornoz (1977), para quem a condição vivenciada pela maioria da população daquele país, nesse período, era de “miséria institucionalizada”.

A essa crise, então, seguia-se outra, de ordem moral, de valores: era a chamada crise de identidade que impregnava o país, reproduzida em versos e prosa na obra de uma geração de homens perplexos e inconformados, intelectuais do porte de um Antonio Machado, de um Baroja ou de Unamuno, cuja obra revelava os desajustes nacionais, refletindo o desequilíbrio social vivenciado pela esmagadora maioria de sua população humilde. Esse grupo aspirava por uma nação sem os vícios políticos de sempre, sem o caciquismo, o voto censitário e as seculares questões agrárias – não esqueçamos de que na Espanha ainda imperava, a inícios do século XX, uma estrutura fundiária arcaica.

Era esse, então, o quadro de anacronismos imperante – detalhado, inclusive, numa rica e fascinante literatura de época –, em que se via mergulhada a Espanha do período, envolvida num contexto de crise nacional. Marcado por fortes tradições regionais e particularismos históricos, esse período foi palco da coexistência de muitas Espanhas que buscavam sobreviver sem poder contar, ao menos, com o amparo de uma arquitetura jurídica que assegurasse os interesses nacionais.

E é justamente nessa radiografia que sinteticamente acabamos de reproduzir que vislumbramos a possibilidade de recuperar para a análise elementos desse universo simbólico, abrigados secularmente na representação coletiva da população, cujos ritmos de mudança se cadenciam muito mais lentamente, instalados no eixo da

permanência, da temporalidade lenta e silenciosa ou, como diria Braudel, como fenômenos que trilham as *“estradas monótonas e tranqüilas da longa duração”*.

Apoiando-nos, pois, nessa perspectiva, nossa hipótese é que, inscritas na dialética entre o consciente e o inconsciente, essas estruturas mentais, adormecidas no imaginário coletivo como herança residual, ressurgiriam agora, despertadas pelo iminente ruir do Império colonial. Remetendo a análise ao período inicial, o dos descobrimentos, reforçamos nossa presunção tendo como fundamento a afirmação do prestigiado historiador das Índias, López de Gómara, que teria afirmado que *“a maior coisa depois da criação do mundo, excetuando a encarnação e a morte daquele que o criou, é o descobrimento das Índias e, assim, as chamam Novo Mundo”* (LAFAYE, 1984:37).

Desse modo, não parece desarrazoado afirmar que o descobrimento das Índias e, com ele, a eleição divina da Espanha, tenha sido interpretado por muitos evangelizadores como um sinal precursor da vinda do Messias, sendo justamente essa crença, que dormitava no imaginário coletivo de gerações, que, na presente discussão, nos interessa recuperar. Em outras palavras, em que medida, em torno da imagem e da crença no Éden, difundida e reforçada no período dos descobrimentos marítimos – e consta que Colombo teria dito aos seus soberanos tê-lo encontrado, quase com certeza –, essa crença latente teria se preservado, no imaginário coletivo ressurgindo, agora, como mito renovado, como uma construção mental reelaborada de algo idealizado que, como uma nova revelação profética e redentora, teria reencontrado campo fértil no desencantamento e na desestruturação da sociedade e, sobretudo, na ausência de esperança no futuro.

Nada impede imaginar que, frente a essas representações coletivas latentes, o tema paradisíaco possa ter encontrado seu próprio agente facilitador e disseminador, no proselitismo dos engajadores de braços e demais agentes envolvidos.

Atuando em perfeita sintonia com o implacável contexto de crise finisecular, a fantasiosa retórica desses agentes, captadas pela freqüência da atmosfera reinante de desesperança coletiva geral, remetia à herança de um passado em que os homens creditavam ao Messias seu porvir na Terra fazendo, então, emergir, pela mobilização em massa, a aguardada redenção, a salvação – que, no fundo, era a mercadoria que ofereciam, para ampla camada de seguidores.

A antropóloga Laís Mourão afirma que a ideologia *“messiânica”* dos grupos dominados se constrói no interior de um *“vazio simbólico”*, ao serem relegados a uma esfera de *“liminaridade”*, de *“não-sociedade”*, onde eles, os dominados, podem elaborar seus próprios códigos, sua própria identidade, em posição de relativa autonomia (MOURÃO, 1974: 59-98). É justamente da conexão entre esse contexto de

crise e esse sujeito, esse sujeito coletivo, no caso socialmente construído, que se pode vislumbrar a possibilidade da emergência de uma dimensão profética transposta para a figura do “lugar”, do destino americano, como a “terra prometida”.

A América, conforme demonstramos, desde sempre fomentou a imaginação dos aventureiros, como uma saída para o enriquecimento, para o prestígio. Há toda uma literatura pela qual fica evidente a possibilidade de fazer fortuna na América e retornar ao lugar de origem triunfante, como um “notável do lugar”, demonstrando essa prosperidade pela fortuna que investiam na construção de obras faraônicas.

Desse modo, quer nos parecer que esse tema, há muito adormecido, mas latente nas representações coletivas do imaginário, tenha sido desperto, exacerbando-se pelas fantasiosas trombetas dos *ganchos*, os engajadores de braços que, buscando seduzi-los, apresentavam a América como a miragem da “terra prometida”.

É nosso entendimento, fundamentado no exame a variadas fontes – aí se incluindo oitavas a imigrantes que protagonizaram essa experiência e a uma literatura de época –, de que essa linguagem comum tácita, esse paradigma amalgamado, essa construção mental de algo idealizado, funcionando como mediação e combustível para a intervenção em um mundo real fartamente desfavorável, tenham passado a compor a bagagem imaginária que acompanhou esses milhares de desterrados em sua odisséia transatlântica, para a América.

Nesse caso, o que passa a existir é uma abstração coletiva, instrumentalizando a crença a uma instância inapreensível, mas capaz de impulsionar um movimento coletivo, em que as motivações pessoais perdem a importância, sendo mesmo improvável que os indivíduos fossem capazes de dar uma explicação racional à sua decisão de emigrar. Essa é a opinião do historiador americano Marcus Lee Hansen. No seu livro *The immigrant in American History* (1940: 77-78) ele contrapõe, categoricamente, a natureza da emigração espontânea ao padrão instituído pelo movimento de massa, pelos referenciais de comportamento coletivo que teria apresentado.

Com efeito, a análise desse período, caracterizado pelo êxodo ultramarino sugere que, no contexto deflagrador das mobilizações, podem ter atuado elementos outros, agindo junto a esses grupos marginalizados e imersos em um universo sem perspectiva.

Esses protagonistas, então, que marchavam para o desconhecido, obedecendo a um impulso coletivo, passam a reescrever a sua história, uma história idealizada, como uma miragem, em busca da “terra prometida”. Partia-se, no entanto, para resolver uma situação que se imaginava passageira, e retornar. Marchavam para o

desconhecido. Alguns sequer sabiam onde desembarcariam. Renúncia, perda, ansiedade, sofrimento e dor faziam parte do repertório que, em doses variadas, acompanhou o êxodo desses desterrados, nos porões insalubres dos navios abarrotados que cruzavam o Atlântico. Muitos não chegavam, ficavam pelo mar, onde eram despejados, quando não resistiam.

Para Henri Desrêche (1985:97), entre a presença e a ausência históricas, radicalmente diferenciadas, há lugar para muitas soluções intermediárias. Elas podem reagrupar-se ao redor da representação de uma presença vicária antecedente, concomitante ou subsequente. “Fazer a América” para esses emigrantes seria a materialização da miragem coletiva, entidade de caráter supra-histórica, transcendente, algo como uma imagem primordial, abordagem que melhor sintetiza a nossa perspectiva.

Nessa aventura e em condições subumanas, desembarcavam em terra estranha e eram despachados, à mercê de contratos que a maioria sequer sabia decifrar, e nem mesmo assinar, para o trato do cafezal, nas bocas de sertão, atividade que desconheciam, como desconhecidos também eram o país, a língua, a vizinhança, os hábitos alimentares, o trabalho nos cafezais, e tudo o mais. Realidade crua e inapelável. Rápido concluiriam pelo engodo do compromisso consubstanciado no subsídio da passagem. E o sonho da redenção se transmutava em arrependimento, fortalecendo a idéia do regresso. Muitos adoeciam, outros se acidentavam, tornando-se incapazes para o trabalho, restando, nesse caso, apenas a repatriação. E havia os que precocemente morriam, vitimados pelas más condições sanitárias e pelas epidemias.

Nessas condições, era grande o quadro de desintegração familiar, como foram incontáveis os casos de viúvas com filhos, egressos do colonato, solicitando o auxílio do consulado ou dos conterrâneos, para a repatriação.

Um eloqüente sintoma do clima que se instaurara, na permanente mobilidade e flutuação dessa população, pode ser deduzido pelos reclames de *Personas Buscadas*, do EDE, pelo qual se publicava o nome, a origem, a data de chegada e o suposto último domicílio do elemento procurado, num claro indicativo de como as famílias se desintegravam e perdiam o contato com seus membros, também emigrados.

No início da década de 1920, provavelmente em função do crescente volume de espanhóis instalado no núcleo cafeeiro, e do acirramento das relações entre fazendeiros e colonos, é nítida a abordagem mais agressiva com que o periódico EDE passou a encaminhar as questões de violência contra os *paisanos* por parte dos fazendeiros, que lhe eram relatadas.

O discurso agora vigente, e que ganhava as primeiras páginas, denunciava: “es sabido que aquí las garantías son letra muerta cuando las invoca el humilde, el flaco, el explotado [...] contra la brutalidad de hacendados” (EDE 17.2.1922) e acusava a falta de respeito dos fazendeiros, que não cumpriam os contratos e que maltratavam os colonos, condenando-os à miséria. A esse discurso seguia-se, quase sempre, a íntegra de uma carta enviada à redação por um colono, relatando infortúnios e passagens degradantes geralmente ocorridas nas contendas com os administradores das fazendas.

Assim, movidos pelo mais profundo desalento, esses desenganados, muitas vezes fugindo a pé das fazendas, numa constante itinerância, que será a marca distintiva do período, iam a busca de condições mais favoráveis que garantissem a possibilidade da acumulação de algum pecúlio, o qual se destinava prioritariamente ao retorno a seu país – sonho acalentado, porém de difícil concretização –, ou à aquisição de alguma (pequena) propriedade.

Contudo, uma vez esgotados os recursos e expedientes na concretização da aspiração de conseguir adquirir um quinhão de terra, e uma vez livre de suas obrigações contratuais no colonato, é lícito supor que esse imigrante tivesse a inclinação de buscar uma melhoria em sua condição de vida nas oportunidades que despontavam, como miragem redentora, nos pequenos núcleos urbanos que nasciam no rastro dos trilhos das estradas de ferro ou na órbita das fazendas. Mas eles eram especialmente atraídos pela cidade de São Paulo, metrópole que, frenética, despertava, seduzidos por seu desenvolvimento e pela oferta de empregos na indústria nascente. A rigor, esse representaria o roteiro inapelável dessa horda de desenraizados, que se apresentou com inúmeras variações. Caminhando para os albores do século XX, ao compasso do ingresso maciço de estrangeiros e à ebulição observada nos setores vinculados direta ou indiretamente à economia do café, com a geração de inúmeros negócios e a expansão de diferentes setores a ela associadas, assiste-se a uma nova dinâmica na cidade, na arrancada para o seu salto de crescimento. É nesse momento crucial, de tumultuária transformação, em que mais claramente se pode presenciar a complexa relação que passa a se estabelecer entre a cidade que se projetava e os diversos atores envolvidos, em suas múltiplas atuações. É quando mais claramente a cidade expõe as suas limitações, as suas mazelas, os seus descompassos nos paradoxos que passa a apresentar.

Na babel em conturbado processo de urbanização, esse anônimo a mais vinha engrossar as sinistras fileiras de miseráveis e mendigos, desempregados e subempregados, segmentos dificilmente “documentados”. Era um peregrino que se sentia fracassado em pelo menos algum desses estágios prévios e para quem o infortúnio alimentava novas e desafiadoras tentativas de realização. Esse descompasso, como veremos, se refletirá claramente nas formas “alternativas”,

improvisadas e casuais encontradas pela camada pobre da população (imigrante ou não) para sobreviver. Não se trata de algo fácil de diagnosticar para o historiador, posto que tais atividades, artifícios ou práticas eram expedientes de que lançavam mão como estratégias para sobreviver e, portanto, sua recuperação é praticamente impossível, sem um olhar oblíquo pelas vias oficiais das fontes. Transitando hábil e improvisamente pelo seu avesso, infiltrando-se pela sua face oculta e imiscuindo-se nas brechas abertas pela cidade, grande contingente de “deslocados” vivia precariamente, largados à própria sorte, concorrendo no saturado mercado de trabalho, em crônica itinerância, à procura de qualquer ocupação, do trabalho informal e temporário, de pequenas tarefas, de bicos ocasionais, do subemprego, enfim, compondo um universo laboral flutuante e rotativo, claramente à margem do trabalho regular e ao qual se associava o trânsito permanente de pessoas pela cidade.

Lembremo-nos do caráter tardio dessa imigração, que pode ter criado dificuldades adicionais aos espanhóis quanto ao acesso às oportunidades locais, que rareavam ou já haviam sido aproveitadas por outros grupos étnicos que os antecederam. O problema de uma maior ou menor capacidade de adaptação às exigências do trabalho urbano, embora crucial para a sua sobrevivência, não representava, apesar disso, o único a ser enfrentado por esse imigrante, que tinha o campo como referência. A vida na cidade acarretava profundas alterações em seu modo de vida, implicando, em suma, um “reordenamento de todo seu estoque simbólico”. Uma vez na cidade,urgia “reconstruir uma nova identidade, reconstruir laços de parentesco e vizinhança, acostumar-se aos equipamentos urbanos”.

Nessa jornada crucial, muitos sonhos e anseios foram deixados para trás. Irremovível permaneceria, no entanto, o projeto, acalentado pela maioria, e ao qual se apegavam como a um bote salva-vidas, do retorno à terra natal, evidenciando a intenção declaradamente transitória da passagem pelo Brasil. Lapidar a esse respeito revelou-se a manifestação de um de nossos depoentes, então com 85 anos: “nas primeiras eleições que tiveram aqui, me aconselharam muito, faziam tudo de graça [referindo-se ao processo de naturalização], mas eu não quis. Eu não! Porque tinha intenção de voltar pra Espanha. E chego lá, não sou mais espanhol, né?! Então, não quero ser brasileiro!”, afirmava o Sr. Ildefonso Blasquez Sanchez, que chegara aos nove anos, em 1905. Na maioria dos casos, o dele incluso, o almejado regresso jamais ocorreria, situação que condenava o imigrante a “engendrar uma situação que parec[ia] destiná-lo a uma dupla contradição: não se sab[ia] mais se se trata[va] de um estado provisório que se preferir[ia] prolongar indefinidamente, ou, ao contrário, se se trata[va] de um estado mais duradouro, mas que se gosta[ria] de viver com intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998:45).

Os consolava saber, recalçando a frustração, o arrependimento e o desencanto, que sua vitória consistira na capacidade de levar a cabo uma missão ímpar, na coragem diuturna para enfrentar as adversidades de toda ordem.

Transcende aos limites e propósitos desse artigo, embora seja problemática que o complemento, incursionar pelo universo da realidade defrontante por esses sujeitos no país de destino, revelando aspectos tão marcantes quanto impalpáveis, na inescapável dimensão, quase surreal, da pluralidade de situações-limite e no imoderado esforço empregado na sua superação; do medo vivenciado; das experiências amargas experimentadas; das condições inóspitas e de todas as adversidades que tiveram de enfrentar que, com raras exceções representou a tônica palmilhada por todos.

Com singeleza, um dos velhos emigrados, há décadas no interior do Estado de São Paulo, comentava que o significado do nome da localidade em que residia “Villa Novaes”, era perfeitamente auto-explicativo: “no-vaes”, caracterizando um *chiste*, grafado em português, traduziria, assim, o desapontamento geral, revelando a ambigüidade entre o sonho de realizações, acalentado pelo imigrante, quando cedia ao imperativo de deixar a sua pátria e imigrar, e o desencanto pelo que efetivamente pudera concretizar. Para aqueles que sobreviveram, inclusive aos distúrbios psíquicos que amiúde se manifestavam nessa situação de liminaridade a que foram submetidos, o pouco que haviam conseguido, tivera um preço muito alto, estando, portanto, aquém das quimeras sonhadas.

Finalizando, gostaríamos de acrescentar que, tal como a parábola segundo a qual o Messias judaico havia se metamorfoseado em peixe, fazendo evoluções nas águas do Guadalquivir para fugir à perseguição do inquisidor, enfim, tal qual essa narrativa alegórica, revela-se a posição do historiador, diante de uma instância como a que tentamos recuperar, de dimensões latentes, virtuais, potenciais, porém intangíveis.

Para Ernst Bloch, navegador experiente, os sujeitos “astuciam o mundo” (2005:79), subterfúgio insuspeito postulado na perspectiva interpretativa aqui proposta que, mediante os elementos circundantes até então reunidos, transitando pelo simbólico e pelo imaginário como mediações sensoriais, mas também como categorias narrativas, inscreve-se e se articula ao universo da ampla unidade de sentido, o da longa duração, ou seja, o do tempo quase eterno e imutável das indefiníveis mentalidades.

BIBLIOGRAFIA:

BLASCO IBÁÑEZ, V. *La Bodega (Novela)*. Valencia, Prometeo, 1919.

BOTELLA, D.Cristóbal. *El problema de la emigración*. Madrid: Tipografía de los huérfanos, 1888.

BRAUDEL, Fernand. “A longa duração”. In: *História e Ciências Sociais*. Trad. Carlos Braga e Inácia Canelas. 2ª ed. Lisboa, Editorial Presença, 1958.

_____. “História e Ciências Sociais: a longa duração”. In: _____. *Ensaio sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CÁNOVAS, Marília. *Hambre de tierra. Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930*. São Paulo: Banco Santander/Lazuli Editora, 2005 [ISBN 8589052532]

_____. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009 (978-85-314-1152-6)

_____. “Os espanhóis de Villa Novaes e suas narrativas”. In: *Travessia: Revista do Migrante* (número temático *Narrativas*). São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios. Gráfica e Editoria Peres Ltda., Ano XVII, nº 49, maio-agosto/2004, pp. 31-39 [ISSN 01035576].

COHN, Norman. *Na senda do milênio. Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

DICIONARIO de Historia de Espana. Tomo II (I-Z y apêndices). Madrid: Revista do Ocidente, 1952.

FEBVRE, Lucien. *Autour de l'Heptameron: amour sacré, amour profane*. Paris, Gallimard, 1944.

_____. *Combates pela História*. Editorial Presença, 1952.

GIUCCI, Guillerme. “A visão inaugural do Brasil: a Terra de Santa Cruz”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 11, nº 21.

- _____. "Viajantes do maravilhoso: O Novo Mundo". São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. "Sem fé, lei ou rei: Brasil 1500-1532". São Paulo: Rocco, 1993.
- HANSEN, Marcus Lee. *The immigrant in American History*. Cambridge, Mass. Harvard Univ. Press, 1940.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro, 1929.
- LAFAYE, Jacques. *Mesías, cruzadas, utopias. El judeo-cristiano en las sociedades ibéricas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- LÖWY, Michael. "A idéia de progresso e o messianismo judaico nos pensamentos de Walter Benjamin e Franz Rosenzweig". In: *Revista 18. Centro da Cultura Judaica*. São Paulo: ano V, nº 22, fev. 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *Os imaginários sociais. Psicologia e Práticas Sociais*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.5-22, 1993.
- _____. "O imaginário é uma realidade". *Revista Famecos*. Porto Alegre, n.15, p.74-81, agosto/2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva.
- MENDOZA, E. *A cidade dos prodígios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- MIÑANBRES, Moises Llorden. "Posicionamentos del Estado e de la opinión pública ante la emigración española ultramarina a lo largo del siglo XIX". In: *Estudios Migratorios Latinoamericanos*. Buenos Aires: 7, nº 21, CEMLA, 1992.
- MORALES SARO, Maria Cruz. "Las fundaciones de los indianos en Asturias". In: SÁNCHEZ ALBORNOZ, N (org.) *Espanoles hacia America. La emigración en masa, 1880-1930*. Madrid: Alianza Ed., 1988.
- MOURÃO, Laís. "Contestado: a Geração Social do Messias". In: *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, 7, 1a série, São Paulo, 1974, pp. 59-98.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. "Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16, nº 46, pp.119-129.

- O'GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. Trad. de Ana Maria Martinez Corrêa e Lelo Manoel Bellotto. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- ORTEGA Y GASSET, José. *España Invertebrada. Bosquejo de Algunos Pensamientos Históricos*. Alianza Editorial: Madrid, 2000.
- PALAZÓN FERRANDO, S. *Los españoles en América Latina*. Madrid: CEDEAL, 1995, p. 31.
- PEREDA, José Maria de. *Don Gonzalo González de la Gonzalera*. Madrid: Espasa-Calpe S/A, 5ª ed., 1965 (escrito originalmente em 1888).
- POMPA, Cristina. "A construção do fim do mundo. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil rústico". *Revista de Antropologia*. São Paulo: v. 41, n. 1, 1998, p. 177-212.
- QUEIROZ, Renato da Silva. *O caminho do paraíso. O surto messiânico-milenarista do Catulé*. São Paulo FFLCH/USP, 1995 (Religião e Sociedade Brasileira, 6).
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- REINHARD, M & ARMENGAUD, A. *Historia de la población mundial*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1961.
- SADLER, Darlene. *Brazil Imagined: 1500 to the Present*. Texas, USA, University of Texas Press, 2008.
- SÁNCHEZ ALBORNÓZ, Nicolás. *España hace un siglo: una economía dual*. Madrid: Alianza Editorial, 1977.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SIEWERT, W. *El Atlántico. Geopolítica de un oceano*. Barcelona: Editorial Labor, Sección VII - Geografía nº 407, 1942, p. 119.

Datos del autor

Marília Klaumann es Licenciada en Historia por la Universidade de São Paulo (USP), donde realizó una Maestría y Doctorado en Historia Social. Tiene especialización en *Arquivologia* por el IEB - Instituto de Estudos Brasileiros/USP. Actualmente realiza un pos - doctorado por el CEDHAL - Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (FFLCH/USP) y es investigadora del LEER- Laboratório de Estudos de Etnicidade, Racismo e Discriminação (FFLCH/USP), participando como coordinadora ejecutiva del Proyecto Arquivo Virtual – História Migrantes.

Historia editorial

Recibido: 10/09/2011

Primera revisión: 15/09/2011

Aceptado: 05/10/2011
